

ANALOGIAS SOCIAES

(CONTINUAÇÃO)

As funcções evolutivas tambem não tem analogias entre a vida e a sociedade.

Eis o que sobre a sua natureza diz a maior autoridade da materia : « No estado actual da physiologia pode-se demonstrar d'uma maneira incontestavel que os phenomenos da hereditariedade são factos absolutamente naturaes que elles são devidos á causas mechanicas, que elles resultam de movimentos materiaes que effectuam-se nos corpos organisados e que podem ser considerados como factos particulares da reproducção (E. Hacckel — Histoire de la Creation cit. a pag. 133). « Assim como tratando dos phenomenos da hereditariedade, nós temos demonstrado que elles tinham por causa fundamental, geral, a transmissão no corpo do filho duma certa quantidade de materias dos paes, tambem podemos encarar a actividade physiologica da nutrição ou das trocas materiaes como sendo a causa fundamental da adaptação ou da variação... A adaptação será pois a resultante de todas as modificações suscitadas nas trocas materiaes do organismo, pelas condições exteriores da existencia, pela influencia do meio ambiente » (Histoire de la Creation cit. pg. 162.)

Ora na sociedade não ha nutrições e reproducções, não obstante haver influencia mesolo-

gica. Logo não ha phenomeno analogo a este. Dirão que ha persistencia dos phenomenos sociaes nas tradicções e innovações nas reformas. A analogia aqui é universal ; tudo persiste e desenvolve-se. O *cosmos* foi uma nebulosa, o nosso mundo uma parte e o nosso planeta uma particula della. E' uma analogia muito estreita esta tirada de pontos de vista geraes, de innovações ou desenvolvimentos e persistencias. A analogia exclusivamente vital seria a da innovação por nutrição, a persistencia pela reproducção, que não existem, A tradição é transmissão oral ou escripta, phenomeno intellectual, origem da historia, ou ella mesma.

A reforma corresponde tão pouco a adaptação que lhe é geralmente antagonica, é mudança exterior, adventicia na sociedade, por poder social, luctando as vezes tenazmente e improficuamente contra a adaptação social contraria, resultante de outras influencias mais interiores, como aconteceu com a França desde 1789 até bem pouco tempo. São antagonicas e não analogas. Emquanto a adaptação em lucta com a hereditariedade ganha-lhe dia a dia, ou para melhor dizer, seculo a seculo uma victoria estavel, uma mudança que a hereditariedade reconhece e fixa, a reforma de ordinario macaqueiadora, vae lançando mão das instituições alheias e trepando-as nas sociedades avessas, custe o que custar. Infelizmente é tão commum isto que um espirito culto chega a reconhecer a imitação o unico factor social a que chama de lei, Bagehot ; e outros equivalentes continuam a fazer-lhe a apologia, Tarde, Cloves, etc.

O que ha é effeito dessas forças vitaes na sociedade indirectamente por uma repercursão. A hereditariedade vital traz a permanencia da raça pela longevidade de seu character, de sua energia,

de seus sentimentos, de sua capacidade. A permanencia das raças traz a persistencia social, a antiguidade de suas tradições. A adaptação vital traz as innovações sociaes modificadoras apenas dessa persistencia. Mas isto é effeito do phenomeno vital um aspecto do phenomeno universal, e não um analogo do phenomeno vital, como acanhadamente se pensa.

Sciencias correspondentes

Pensamos que ha correspondencias geraes, communs a todas as sciencias, de todos os seres, cosmos, vida, espirito e sociedade. Foi Neill Arnold quem deu uma orientação scientifica a materia das classificações das sciencias, distribuindo-as em dois grupos e subdividindo um delles em mathematicas, physica, chimica e sciencias da vida e do espirito. Antes delle só haviam as classificações obscuras, de Bacon em philosophia, historia e poesia, da encyclopedia metropolitana em puras, campositas e applicadas etc.

Augunsto Conte illucidou essa orientação denominando os dois grupos abstracto e concreto, caracterisando o abstracto como o da analyse da razão abstracta e o concreto como o da synthese da razão concreta, differenciando o abstracto em sete sciencias, mathematicas, physica, chimica, astronomia, biologia, sociologia e moral, correspondentes as sete cathegorias de phenomenos irreductiveis da natureza e dispondo-as por ordem de simplicidade, independencia e generalidade decrescente. Foi uma obra grandiosa para aquelles tempos, não obstante ser incompleta, superior a sua lei dos tres estados, tão festejada, mas que tem o defeito de por ao lado do real dois elementos congenitos como successivos; e só inferior ao seu padrão de gloria que são a irreducti-

bilidade dos phenomenos naturaes, a incognoscibilidade das suas naturezas, sua conveniente eliminação das investigações scientificas e philosophicas, não obstante não ter valor scientifico o numero das suas cathogorias de phenomenos irreductiveis.

Herbert Spencer não admittiu a orientação, e refutando-a systematicamente propoz uma outra em que o grupo abstracto é caracterisado pelas leis universaes de relação, qualitativa na logica e quantitativa nas mathematicas ; o grupo concreto abstracto é caracterisado pelas leis universaes de força, mechanica, physica, chimica ; e o grupo concreto é caracterisado pelas leis de redistribuição de materia e movimento, astronomia, astrogenia, geogenia que comprehende biologia que comprehende psychologia que comprehende sociologia.

Não é occasião de discutirmos essa questão ; mas assentaremos ideias para tirar conclusões. A classificação de Conte tem os defeitos dos conceitos abstracto e concreto, nivellar as mathematicas com as sciencias abstractas, supprimir a psychologia e dividir a sciencia social.

A de Spencer tem os defeitos de não reconhecer como leis de força as vitaes, as psychicas e as sociaes, capitular a sociologia na psychologia, ambas na biologia e todas na geogenia, confundir as sciencias evolutivas (a trogenia e geogenia) com as sciencias concretas e dividir a sciencia social.

Pensamos que ha hoje quatro grupos de sciencias : o das sciencias de quantidade, posição e forma materiaes ; o das sciencias de forças e suas leis de causalidade ; o das sciencias de conjuncto de phenomenos e suas leis de constituição ; o das sciencias de historia de phenomenos e suas leis de evolução.

Outro não pode ser o conceito desta materia attendendo-se aos objectos das sciencias serem todos phenomenos da natureza, consequentemente ligados e harmonicos ; mas distinctos : modalidades energicas, grupamentos e suas historias. Outro não pode ser o conceito depois que as sciencias dos tres ultimos grupos tomaram esses tres rumos differentes ; umas estudando os phenomenos isoladamente quanto as suas influencias e energias (forças), consideradas independentes do conjuncto de phenomenos onde ellas manifestam-se ; outras estudando os phenomenos agrupadamente e as leis de constituição do conjuncto resultante das varias forças que as produzem com applicação das leis especiaes a cada uma dessas forças já conhecidas ; outras finalmente estudando os phenomenos em sua historia e as leis da evolução respectivas, resultante das varias leis de constituição a que elles têm obedecido com applicação das leis especiaes a cada uma dessas constituições já conhecidas.

O primeiro grupo comprehende somente as mathematicas. A logica corôa as sciencias do espirito mostrando as leis de constituição do pensamento. Melhor foi supprimit-a em Conte que especifical-a em Spencer. O segundo grupo comprehende as sciencias da causalidade cosmica, mechanica, celeste, physica, chimica ; de causalidade vital, darwinismo ; de causalidade psychica ; theoria dos factores do espirito ; de causalidade social, theoria dos factores sociaes. O terceiro grupo comprehende as sciencias de constituição cosmica, astronomia, geologia e seus annexos (geographia, meteorologia, mineralogia) ; de constituição vital, anatomias, physiologias, embriologias (simples ou comparadas) ; de constituição psychica, psychologias animaes e humanas objectivas (cellular physica e physiologica), sub-

jectiva (escholastica) e mixtas (experimentaes e associativas); constituição social, estudo sobre a família, as associações, povo, estado (centro, provincia, municipio), e estudo sobre a economia, a esthetica, a cultura, a religião e as disciplinas, direito e moral. O quarto grupo comprehende as sciencias de evolução cosmica, astrogenia ou cosmogenia e geogenia; de evolução vital, biogenia; de evolução psychica, psychogenia; de evolução social, estudos sobre a evolução da familia, das associações, do povo, do estado (centro, provincia, municipio) e estudos sobre a evolução da economia, da esthetica, da cultura, da linguagem, da religião, e das disciplinas, direito e moral. A divisão das sciencias em sociologia e moral de Conte e Spencer, é defeituosa. A razão para Spencer fazel-a, foi ter a conducta individual (objecto da moral) factores physicos, vitaes, psychicos e sociaes. « A moral tem generalisações fornecidas pela biologia, psychologia e sociologia, que são a base d'uma theoria verdadeira da vida ponderada. » Por um raciocinio analogo chegamos a conclusão contraria, porque a sociedade compondó-se de individuos, consistindo principalmente em seus actos, o estudo social deve preceder ao estudo de seus elementos individuaes e activos. Mais ha razões mais serias. Se a moral é uma disciplina, como nos diz Spencer, é parallela ao direito. Estas disciplinas regulam actos humanos diversamente caracterisados, sociaes, economicos, estheticos, culturaes, religiosos, mas ambas regulam todos esses factos. Fazer do direito disciplina da sociedade e da moral disciplina do individuo, é arbitrario. Apenas o direito á par de seu character de disciplina do individuo, commum á moral, tem o character especifico de regulador dos institutos sociaes. Tomar o direito pelo segundo aspecto unicamente, é mutilal-o.

No primeiro aspecto o direito é identico á moral, como normas de conducta, com a differença do direito trazer o equilibrio (liberdade) entre os individuos e a moral trazer a intimidade (fraternidade), do direito ser o reconhecimento da igualdade e a moral o da honestidade, do direito ser coactivo pela sociedade na funcção da justiça, a proporcionalidade da acção social repressiva ao acto individual offensivo da igualdade e perturbador da liberdade e a moral ser coactiva pela consciencia e pela opinião social, nos remorsos, emoções mas por tendencias superiores contrariadas, e nas exprobrações, desapprovações da conducta offensiva ás aspirações superiores da sociedade.

Suppor que a moral tem factores physicos, psychicos e sociaes e o direito não, é erroneo. Eu penso que nenhum delles os tem, que seus factores são o espirito, que o espirito os faz de dois modos differentes, pela experiencia transformando as impressões sensoriaes dos phenomenos em factos psychicos, e pela razão descobrindo nesses productos de sua observação novos factos psychicos pelo criterio da lei do pensamento; e isto na regularidade de seu funcionamento, sem exorbitar da relatividade da intelligencia, sem cahir nas phantasias perceptivas ou conceptivas da imaginação: o que constitue o ideal da razão superposto ao estado evolutivo da experiencia.

O que vejo é que o espirito tem condições vitaes, o systema nervoso, principalmente, mas tambem o organismo, toda a vida; que a vida tem condições cosmicas, a materia organica principalmente, mas tambem toda a materia cosmica que constitue-lhe o meio; que assim o espirito tem o cosmos por condição indirecta. Tudo isto sendo condição do espirito é condição do seu funcionamento, portanto do direito e da moral.

O contrario é suppor-se a moral natural e o direito meramente positivo, um tecido de pês atiradas ao pobre homem que nasceu nas civilizações artificiaes das mentiras convencionaes denunciadas pelos pessimistas Schopenhauer, Nordau, etc.

Não, o direito positivo, costume, tratado, jurisprudencia, tem uma base natural, commum a moral, de que elle é interpretação, infelizmente muitas vezes erronea pela ignorancia ou infidelidade de seus orgams de constituição, hoje o poder legislativo.

Assim ha nas sciencias sociaes e vitaes tres grupos porque ha em todas as sciencias.

Sciencias das leis de causalidade

A sciencia das leis de causalidade, dos factores da vida, é o dawrinismo, esta theoria que Ch. Dawrin levantou estudando a lei *logarithmica* da guerra universal, formulada por Malthus, a correspondencia da progressão geometrica do desenvolvimento da população á progressão arithmetica do augmento do alimento. Já outros biologists, especialmente Goethe e Lamark as tinham tentado, de modo que Dawrin os encontra em seu caminho, e tem mesmo um emulo em Wallace; mas a superioridade de suas vistas, deu-lhe o direito de inventor que a magnanimidade de seu competidor sanccionou.

O dawrinismo é batido par uns biologists e modificado por outros; mas os primeiros não o substituiram por outra theoria de causação vital, permanecem na esphera absolutista do creacionismo providencialista e os ultimos não fizeram eschola.

Não reputamos procedentes as objecções dos

biologistas contra o dawrinismo como não as reputamos procedentes contra o lamarkismo ou theoria da evolução vital, nem contra o lamarkismo dawrinistico ou theoria da evolução vital pela applicação da theoria dos factores da vida, que Haeckel tem o direito de dar o seu nome, o haeckelianismo.

Não sei como se possa impugnar o dawrinismo. A lucta pela vida é o facto de observação, cuja causa é a desproporcionalidade do crescimento do alimento ao desenvolvimento da população. A hereditariedade vital é outro facto de observação, cujas manifestações são physicas (anatomicas, physiologicas e pathologicas) e psychicas, e cujas influencias vão até a sociedade. A variabilidade vital é ainda facto de observação, cujas manifestações acompanham as da hereditariedade. Ora a crença na uniformidade da natureza leva o espirito a generalisar essa lucta, essa hereditariedade e essa variabilidade em uma inferencia inductiva, pelos seus methodos logicos.

Em seguida, que resulta dessa composição de causas, que a vida é uma linha recta, uma diagonal do parallelogrammo dessas forças, ou que é uma arvore a esgalhar constantemente pela diversificação constante de suas causas?

A força vital em acção, a hereditariedade tem por character a immutabilidade da vida, não obstante Haeckel consideral-a agindo na fixação dos effeitos da variabilidade, chamando-a progressiva. A força mesologica, a suscitabilidade cosmica tem por character a variabilidade da vida. A lucta travada é da vida pela sua persistencia contra o meio que a eliminaria si não fora isto. Logo ha nesta lucta um elemento permanente, a hereditariedade vital, e um elemento variadissimo, o meio, pelas diversidades de clima, differenças de solos, concorrencias de especies vitaes. Logo varia-

dissimo é o resultado dessa lucta, a persistencia e a alteração da vida.

Ha porem uma lei, uma regularidade na producção desses effeitos, que é a formação das variedades, especies, generos etc. A hereditariedade assemelha os individuos. A acção cosmica de meios iguaes permite-o, de modo que em regiões iguaes formam-se grupos de individuos semelhantes; mas a acção cosmica de meios desiguaes força os individuos a differenças de modo que entre regiões desiguaes os individuos são differentes. Consequentemente o grupo de individuos semelhantes duma região é differente do grupo de individuos semelhantes de outra região. As differenciações desses grupos têm gradações: no 1.º grupo, quando o cruzamento inexiste, mas é possível, chamam-se variedade; no 2.º grupo, quando o cruzamento não é mais possível chamam-se especies; nos mais, cujos criterios não estão ainda bem definidos, chamam-se generos, tribus, familias, ordens, classes, reinos.

Infelizmente essa theoria perde o concurso de sabios notaveis como Baer, Owen, Gegembaur Vogt, Broca etc., e é modificada, perdendo ainda unidade e força, por outros equivalentes, Wagner e Wigand etc. Mas as objecções que a atacam não nos parecem procedentes, como sejam a da necessidade de designio finalistico (Vagelli) porque a sciencia é incompativel com a theleologia; a de ausencia de formas transitorias ás especies porque as variedades são formas transitórias e as especies, os generos etc., não deixam de sel-o, ahi tudo é transitorio; as de insufficiencia de natureza para a variação primitiva (Mivart), para a variação completa (Nagelli) e consequente variação das especies (Moritz Wagner). Donde a necessidade de um agente auxiliar á natureza (Wagner), na orientação finalistica (Nagelli), na in-

consciencia consciente (Hartmann) etc., porque a lucta pela vida e os triumphos da hereditariedade e do meio offerecem todos os grãos desde a immutabilidade até a maior variabilidade do individuo, e o resultado é a selecção ; finalmente as de contradicções dos principios de selecção pura com as suas applicações (Broca, Braun) etc. porque não se cogita aqui de mathematica e os principios não são abstractos.

O dawrinismo porém é a theoria dos factores da vida já existentes e não dos factores da vida por existir. As forças que elle põe em jogo são a propria vida representada pela hereditariedade e o cosmos, as vidas alheias, o espirito dessas vidas, a sociedade desses espiritos, representados pelo meio ou variabilidade. Deve ser definido a theoria dos factores da evolução vital e não da vida.

Quaes são os factores da vida então ? Se me não engano é a philosophia que cogita disto. A sciencia não tem meios. A experiencia que é a sua alavanca não pode agir nessas regiões. O lamarkismo mostra a evolução vital que o dawrinismo explica ; mas param ahi, nada dizem sobre o inicio da vida, sobre os seus factores originaes. Isto pertence á philosophia descobrir ou procurar fazel-o. Suppor que o dawrinismo segue o curso do lamarkismo até a passagem da vida ao *cosmos*, é perturbar as duas theorias perfeitamente scientificas. Envolver em formulas mathematicas o elemento infinitivo é conveniente para em suas applicações ter resultados certos por desprezo de erros inappreciaveis ; mas em sciencias *concretas*, experimentaes introduzir este elemento é deprimil-as, sacrificando os criterios da observação e da lei do pensamento á um capricho da imaginação. Eu sei que em *physica* admitte-se a hypothese do ether universal para as suas vibrações communicarem os phenomenos, que em *chimica*

admitte-se uma unidade material, a hypothese do atomo, para explicar as unidades de suas forças, implicadas nas suas composições; mas nunca deixarão de ser hypotheses estas e outras suggestões da imaginação para preencher as lacunas do conhecimento scientifico, estes artificios para illudir a impotencia humana. Eu cá fico melhor com o balanço exacto dos meus haveres que dá-me a consciencia de minha situação que obriga-me a empenhar-me mais na lucta pela aquisição de meios mais conducentes ao objectivo de minhas energias, que com a illusão de capitaes phantasticos que por força duma lei psychologica terminam por parecerem-me reaes, incitando-me a transacções que não poderão ser cumpridas, ou entorpecendo-me a actividade pela fallaz confiança nas suas sufficiencias.

Os principios da vida, colhidos na propria vida, formulas da acção de suas forças, não podem passar além da vida, além dessas forças, de acção formulada, ao momento em que sua massa cosmica desaparece no *microcosmos* infinito, em que sua forma dissipa-se, em que suas forças dissolvem-se no nada da impotencia humana, ou resolvem-se nas suas caprichosas conversões mechanicas.

Ha na vida uma força que organisa a materia em cytodo, cellula, tecido, organ, systema, apparelho, que fal-a nutrir-se, reproduzir-se, agir, que a hereditariedade em conflicto com a variabilidade ou susceptibilidade mesologica, resolvida pela selecção do triumpho parcial da hereditariedade, adaptação, presuppõem e não explicam nem substituem, porque essas forças são já funcções da vida (nutrição e reproducção), que persiste por uma e modifica-se por outra. Antes do cytodo, cellula sem nucleo e mesmo sem membrana, re-

produzir-se, cresce, antes de crescer, nutre-se e antes de nutrir-se organisa-se ou gera-se.

A passagem da vida ao *cosmos* cahe no dominio da imaginação porque falta-lhe a experiencia e a lei do pensamento. E' por isto que os absolutistas têm o dominio da questão, e os relativistas queiram ou não, consciente ou inconscientemente, desde que a resolvam, são victimas de suas caprichosas fascinações.

E' melhor a resignação ao estado da ignorancia, triste para a humanidade vaidosa, mas para nós outros, ainda mais ignorantes, fortificante. E' o mestre de Haeckel, o Virchow quem escreve : « Sobre o ponto de junção do reino organico ao inorganico, devemos simplesmente reconhecer que em realidade nada sabemos (*Revue scientifique* de 1877 pag. 570.)

Haeckel não se conforma com esta ignorancia irremediavel e procurou levantar scientificamente a theoria dos factores da vida, estabelecendo que esta em suas origens foi um cytodo nú, depois membranoso, depois cellula nua, depois membranosa etc., uma plastidula, cujas formas rudimentares parecem inferiores ás formas geometricas dos *crystaes*, cuja substancia, o plasma, a albumina, é uma combinação carbonica, abundante no periodo geologico desse nome, cujas funcções simples reduzem-se a movimentos cosmicos, nutrição a phenomeno physico, crescimento a phenomeno chimico, reproducção a phenomeno mechanico. Não nos parece ter conseguido.

Ha ahi uma questão insolavel pelo absoluto dos seus dados no conceito de Hamilton, pela irreductibilidade dos phenomenos no conceito de Conte, mysterios scientificos que não podem ser desvendados para Tyndall, enigmas diante dos quaes devemos resignar-nos a ignorancia para Duboys Reymond, questão que deve ser resolvida

pelas aspirações religiosas mais que pela sciencia na theoria do icognoscivel de Spencer. E' a mesma questão do inicio do cosmo resolvida pela eternidade da materia e da força para uns, e pelo creacionismo do absoluto para outros, a mesma questão do inicio do espirito resolvida pela conversão da materia vital (nervosa) em consciencia para uns e pela admissão das particulas do absoluto a alma para outros ; a mesma questão talvez do inicio da sociedade pelas necessidades genéticas para uns (Maine) e pelas necessidades nutritivas (guerreiras e cooperativas) para outros (Spencer).

Dir-se-á que a difficuldade é concreta, experimental, devida a falta de archivos paleantologicos, resultante da fragilidade desses protoorganismos de carbono instavel, mas resolvel pela razão em pensamento rigorosamente scientifico sob a formula de um methodo inductivo, porque segue-se o curso da vida evolutiva até bem perto de suas formas rudimentares e as que faltam são suppridas pelas formas actuaes dellas originadas por excepção as leis das transformações, ou melhor como ellas surgidas espontaneamente nos seios dos corpos organisados ?

Acceitamos o argumento na sua melhor hypothese, a das gerações espontaneas. Achamos mais compatíveis com as leis naturaes a geração espontanea que compatível com as leis de transformação da vida, essa reproductividade inalteravel dos organismos rudimentares ; sómente isto faz-nos admittir a geração espontanea porque o seu conceito se não tem sido batido, tambem não tem sido sustentado ; mas ainda mesmo que fora verdadeira a persistencia das formas originarias da vida até hoje, ainda mesmo que assistissemos ao seu apparecimento espontaneo na camada geologica do periodo carbonico, eu penso, não se po-

deria concluir que a vida fosse um producto do *cosmos*, uma propagação de movimentos, uma transformação de suas forças.

Era o caso de dizer como alguém que no *eosmos* persistia uma força potencial, um movimento latente, que só no periodo carbonico poude actualisar-se, manifestar-se pelas condições favoráveis do carbono que permittio o estado chimico e das forças meteorologicos que permittiram a conservação desse estado.

E assim este movimento que tem um meio apropriado, essa força que tem condições imperiosas na evolução cosmologica, não entram nas transformações de movimentos ou forças geraes do *cosmos*; são especiaes, como é especial a vida, e encerram caracteres contradictorias, uma irregularidade cosmica e uma regularidade vital. Seria o mesmo enigma ou mysterio. Tanto faz suppor a vida força cosmica especial irregular, como suppor a força desconhecida no *cosmos*; mas o ultimo conceito não tem elementos contradictorios.

Dir-se-á que a vida é um phenomeno cosmico porque reduz-se a nutrição que é capillaridade physica, á crescimento que é cohesão chimica, á reproducção que é divisão meehanica, e por tanto a vida rudimentar gerada espontaneamente como no periodo carbonico, nada mais é que um pouco de materia cosmica, tendo movimentos physicos, depois chimicos, depois mechanicos?

A nutribilidade, etc. tem aspectos mechanicos, parece movimentos realizados nos corpos organisados e presuppondo a sua organização, devidos a forças que não encontramos no *cosmos*, cuja accção immediata é a organização e cujas accções mediatas, já manifestas nos organismos são as mesmas funcções. Das funcções vitaes parece-

rem movimentos, concluir que o são quando não são iguaes aos movimentos cosmicos conhecidos, é concluir contra a experiencia. é levar-se por uma mera analogia que provamos não ser um raciocinio logico, não dar uma lei de causalidade, um principio da razão.

Essa organisação que no cytodo parece inferior a do crystal é a mesma que desenvolveo-se até a estrutura do organismo humano ; essa nutrição, esse crescimento, essa reproducção que no cytodo são tão rudimentares que parecem *catalyses* phisicas, cohesões chemicas, movimentos mechanicos, são as mesmas que desenvolveram-se até as funcções complicadas desse organismo.

O dawrinismo explica a sua evolução? O dawrinismo é uma formula, uma lei sciéntifica da causalidade lá onde as forças em acção são a vida debaixo do nome de hereditariedade e o meio debaixo do de variabilidade.

Fazer dessa força vital que em lucta com o meio desenvolveo-se até as formas e funcções do organismo humano, um producto cosmologico, uma força igual a do crystal que não desenvolveu-se até hoje e desde muito antes, é contra o bom senso.

Fazer dessa força que chegou a produzir o homem, a mesma que produzio o *cosmos* em seu estado mais evoluido, a terra habitavel por ex., é outro contrasenso. E' preciso concluir outra vez, a vida é um aspecto especial do *cosmos* e cahir outra vez no mysterio dessa especialidade, na contradicção de uma irregularidade regular.

Dir-se-á finalmente que a vida é uma transformação das forças cosmicas...? A transformação, de movimento em movimento cosmico passa á vida porque a potencia cosmica é condição da vida, entra na organisação e submete-se as funcções **vitaes** levando com sigo as suas forças ou pro-

priedades. Entre essas propriedades o calor é uma condição necessaria. Outras não o são ; mas nenhuma dellas é a vida.

O proprio calor é uma prova da impossibilidade dessas transformações ; aquem e além do gráo vital elle mata o organismo : donde deve-se concluir que o calor é incompativel com as transformações das forças cosmicas vitaes.

Ha uma objecção mais forte ao monismo cosmo-vital. A vida não reduz-se aos phenomenos de organisação, nutrição, geração, crescimento ; ella contem ainda o phenomeno mais sabido da innervação. Por este phenomeno intendo somente a funcção vital dos nervos, eliminados os phenomenos psychicos concummittantes ou não. Estes organicos por excitações phenomenos são os actos reflexos que em seu estado rudimentar são incitações organicas, que em seu estado medio são incitações organicas por excitações periphericas, incitações periphericas por excitações organicas, e em seu estado superior são incitações periphericas por excitações periphericas. Sei que costuma-se explicar a funcção nervosa pelo movimento ; que os nervos e seus auxiliares os musculos são reputados electricaveis, e o phenomeno electrico é um movimento. Mas é forçoso convir que cogita-se ahi de um movimento que escapa as leis do movimento cosmico, d'uma mechanica sem mathematica, d'um contrasenso a theoria do movimento. Que distancia entre a materia organica, crescimento chimico, reproducção mechanica do cytodo ou cellula actual ou paleontologica para as incitações dos aparelhos digestivo ou circulatorio pelas cellulas ganglionares, para as incitações desses aparelhos e do locomotor pela cellulas medulares, para as incitações directas e indirectas desses aparelhos e do sensorial pelas cellulas cerebraes ?

Em synthese a hereditariedade é a persistencia da organisabilidade com todas as suas propriedades, até mesmo a variabilidade, e a variabilidade é a alteração da organisabilidade com todas as suas propriedades até mesmo a hereditariedade. O que é que faz a harmonia da persistencia com a alteração de modo que as tornem parciaes, que por assim dizer mede as suas capacidades, equilibra as suas acções, privando a hereditariedade de impor-se até á immutabilidade e a variabilidade agir até a dissolução ?

E' esta força junctamente hereditaria e variavel, persistente nesse character relativo que manifesta-se inicialmente como organisabilidade e posteriormente como conjuncto de funcções vitaes que eu chamo vida. Distingue-se tanto do movimento cosmico que os agentes deste, calor, electricidade etc., aquem além, de certo gráo limitadissimo a destroem.

Além disto, referem-se usualmente os movimentos cosmicos a propriedades ou forças correspondentes e em bôa theoria porque tudo divide-se para ser analysado e analysa-se para ser conceituado.

E' preciso assim distinguir entre o movimento e a força. O movimento é a força actualisada e a força é o movimento em estado latente. Referem-se assim os movimentos cosmicos a forças cosmicas, e os movimentos vitaes a forças vitaes. Ora ha uma tendencia para identificar todos os phenomenos cosmicos com o movimento, todas as suas forças com a attracção.

A vida seria assim a potencia da attracção em seu estado latente anterior as suas manifestações e o movimento (da attracção) em seu estado actualisado. Reduzida á attracção (movimento e força), a vida é uma phantasia, o cosmos uma incoherencia, uma contradicção, um disparate. Só

a imaginação comprehende isto, o cosmos com vida, a vida do cosmos.

Felizmente em opposição a cabeça genial de Haeckel a sciencia registra opiniões de cabeças equivalentes. O maior philosopho talvez da medicina, Claud Bernard escreveu: «Nas manifestações da vida ha alguma cousa que não pertence a physica nem a chimica» (Introduction a l'etude de la Medicine Experimentel pag. 142).

Se deixarmos o mundo vital e entrarmos no mundo psychico pela estrada franca do materialismo (psychologias cellular, physiologica), então a difficuldade ainda é maior.

O naturalismo quando bate o espiritualismo, vence-o porque o espirito é o vacuo com potencia: mas quando procura substituílo, explicando os factos que elle explica, convertendo as forças cosmicas nas vitaes e estas nas psychicas é incomprehensivel, teleologico.

Isto não quer dizer que sejamos sectario do animismo de Stall, uma alma para tudo, do dualismo de Barttez, força vital para o corpo ao lado da alma para os phenomenos psychicos, do teleogismo vital de Bichat. Não sabemos mesmo qual será preferivel, se a conversão mechanica ou materialista de forças irreductiveis, se a admissão de entidades phantasticas, especies de ether vital para a conducção dos seus phenomenos, a psyché de Pythagoras, a alma physiologica de Hypocrates, o pneuma de Athenê, o archeu de Paracelso, o animo de Stall, o principio vital de Barthez, o principio teleologico determinador das propriedades vitaes de Bichat.

De nossa parte admittimos a transformação das forças cosmicas, porque ellas reduzem se a movimentos; mas a conversão das forças cosmicas nas vitaes e destas nas psychicas não, porque na vida não se cogita de movimentos atomicos.

Na vida o elemento irreductivel é a cellula, descoberta por Schleiden no vegetal, Schwam no animal. Eu sei que as forças cosmicas agem sobre a vida e consequentemente sobre o espirito, que a *thermo-dynamica* deve acompanhar as manifestações das forças cosmicas até ahi; mas digo que estas transformações não constituem a vida, nem o espirito, são apenas suas condições. O calor solar não se converte em propriedade vital, organisabilidade, nutribilidade, reproductividade e inerveção. As transformações das forças cosmicas vão até a materia organizada, acondicionando a vida como fal-o a propria materia; mas acondicionam só, não se convertem em forças vitales que surgem da materia assim acondicionada. Considerações identicas fazem-me pensar que as forças vitales acondicionam o espirito, que sem alimento sufficiente, por ex., o *systema nervoso*, não pode supportar os trabalhos psychicos; mas acondicionam só, não se convertem em forças psychicas que surgem da vida assim acondicionada. O nosso conceito é o de Claud Bernard, a vida reduzida as propriedades vitales, alliado ao de Comte, irreductibilidade dessas propriedades nas dos cosmos, como são—lhe irreductiveis as do espirito e as da sociedade. Não nos preoccupa a natureza da gravitação universal, que o movimento presuppõe e por tanto não explica.

Não quero com isto dizer que o movimento inicial effectue-se nos turbilhões derivados (Kant) e não nos originarios (Laplace); penso mesmo que até onde a razão alcança este phenomeno, a materia manifesta se como potencia em acção de que nm estado é o turbilhão: Mas desconhecer isto e referir a persistencia e a variação dos phenomenos as funcções vitales, é o mesmo que referir as persistencias e variações dos cosmos, á

seus movimentos. Eu sei que Haeckel não cahe assim em contradicção, que seu espirito elevado, o maior talvez da humanidade, só teve o defeito de por-se a serviço duma theoria do absoluto com todos os recursos da sciencia humana, que elle refere as funcções vitaes (movimentos molleculares) a movimentos atonicos como prova a leitura do texto seguinte: «Puramente mechanicos, são os principios que servem de base a esta theoria, a communicacão do movimento molecular e a conservacão da força. Puramente mechanicos é tambem o principio da auto-gonia que faz derivar a primeira impulsão deste movimento dos movimentos atonicos que tem logar na formação das primeiras plastidulas, e determinar seu movimento molecular (Psychologia cellular, trad. Soury—1880 pag. 92).» Mas os elementos com que joga estão fora da cognoscibilidade humana.

Dentre estes a hereditariedade e a variabilidade vitaes presupõem a vida, as suas propriedades, como a persistencia e as transformações cosmicas presupoem a gravitaçãõ. O monismo explica o movimento pelo movimento e a vida pela vida e movimento. E' que a origem remota, a amplitude longinqua, a natureza intima, o futuro distante dos seres são inacessiveis a intelligencia humana, dentro das suas forças naturaes, as raias da experiencia e da logica. Transpor os seus limites é entrar na mansão do absoluto, seja elle a figura anthropomorphica do theologismo, seja elle a força immanente a materia dos metaphisicos, seja elle a eternidade da materia e persistencia de sua força dos materialistas e dos monismo mechanicos.

Razão teve Spencer para preceder fazer a sua philosophia o postulado do absoluto, inaccessible intelligencia, mas necessario a vida relativa da

humanidade, hypothese universal das intelligencias mesmo inferiores, conciliação da religião e sciencia universaes e em guerras desastradas e interminaveis. Mas não ha para onde fugir: a sciencia ou resigna-se a ignorancia do absoluto, ou faz methaphisica. A sciencia pura, experimental, reconhece grupos de seres distinctos, *cosmos*, vida, espirito, sociedade, manifestos por phenomenos distinctos, referidos a propriedades ou forças distinctas com influencias reciprocas e evoluções apanhadas já em seus cursos. Quando a sciencia cogita do inicio dessas evoluções, das naturezas dessas propriedades, dos destinos desses seres, de seus limites exteriores e interiores, infinito e atomo, faz metaphisica.

A inacessibilidade intellectual dessas questões tinha tocado á muitos philosophos quando a theoria da relatividade do conhecimento estabeleceu:

1.º que todo pensamento é uma funcção sensorial ou pelo menos uma construcção psychica sobre os seus materiaes;

2.º que todo pensamento é um *simite* d'um outro pensamento, isto é que só se conhece aquelle que se assemelha ao que já se conhecia anteriormente.

O primeiro principio, materialista, originario da philosophia grega, formulado por Aristoteles seguido pela maior parte dos pensadores modernos é a meu ver falso. Sua formula *nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu* é uma mutilação do pensamento. Ha na intelligencia humana duas funcções: a perceptiva que transforma as impressões sensoriaes em ideias, juizos e raciocinios, e a conceptiva que associa as ideias em juizos e estes em raciocinios, independentemente das impressões sensoriaes ou dos phenomenos que as causam. Cada uma dessas funcções logi-

camente estudada, comprehende duas outras. A perceptiva comprehende a experiencia que é a transformação das impressões sensoriaes pelo criterio da observação consciente; e a imaginação que é a transformação arbitraria, sem este criterio. A conceptiva comprehende a razão que é a associação das ideias e juizos pelo criterio da lei do pensamento; e a imaginação que é a associação arbitraria, sem este criterio. Deste modo a intelligencia pode ser criteriosa, (experiencia e razão) e desregrada (imaginação, iltusão).

Os absolutistas só cogitam da imaginação. Os materialistas confundem a razão com a imaginação para repeli-la, ou com a experiencia para annullal-a. Isto não é verdadeiro. A imaginação é o desvario da Intelligencia, um erro se não é uma belleza. Seu producto só pode ser esthetico. A intelligencia não consiste só na experiencia, transformação concreta dos phenomenos naturaes em psychicos.

Depois que a impressão sensorial desaparece ha jogo dos phenomenos psychicos pelo espirito, posteriormente, subjectivamente. O sentido é a porta da ideia, do juizo e do raciocinio concretos; mas nada tem com os mesmos phenomenos quando abstractos, isto é, elaborados depois que a observação passou, pela reflexão sobre os factos da memoria como nada tem com os conhecimentos dos factos psychicos pela consciencia, em uma especie de observação intima, reflexão das reflexões sobre memoria das memorias que constitue o methodo subjectivo.

Existem queiram ou não os materialistas, na intelligencia humana, alem de seus desvarios imaginosos, as duas funcções criteriosas da experiencia e da razão, caracterisadas pelos criterios da observação (uma) e da lei do pensamento (outra), de que uma a experiencia é a transfor-

mação da impressão sensorial em facto psychico tem aspecto mechanico, é commum aos animaes, e a outra a razão é a elaboração do facto psychico, pelo espirito, independentemente de impressões sensoriaes, tem aspecto *suggestivo*, é especial ao homem e de boa raça e em estado de civilisação adiantada (gregos etc.)

Não é só esta synthese psychologica que prova a existencia da razão como potencia intellectual differente da experiencia. Os mathematicos quando estudam a sua sciencia em estado puro, não têm diante de si o *cosmos*, mas só as suas propriedades de quantidade, posição e movimento, separadas da materia pela operação psychica da abstracção, e apenas represntadas em figuras e formulas, donde chamarem-nas abstractas em opposição ás mais sciencias a que chamam concretas.

Augusto Conte alterou este conceito, considerando abstractas as sciencias que estudam as propriedades cosmicas, vitaes e sociaes, independentemente do conjuncto dos mesmos phenomenos de cada ser; mas Spencer reivindicou os seus direitos violados, considerando as novas sciencias (abstractas de Conte) abstracto-concretas. Teve razão. Ha nas mathematicas puras, uma abstracção completa do *cosmos*, ao passo que nas sciencias em questão, ha apenas arredamento do conjuncto dos phenomenos menos um, para estudo do ser no phenomeno não arredado, estudo analytico-concreto. Pelo menos o conceito é diverso: abstracção em mathematicas é separação completa das propriedades do *cosmos*, de modo a estudar somente essas propriedades e não o *cosmos*; abstracção nas mais sciencias é arredamento do3 phenomenos para estudo do *cosmus* etc., por cada um dos seus phenomenos. Na primeira operação o espirito isola-se das impressões sen-

soriaes. Na segunda elle lucha incessantemente para affastar as impressões sensoriaes dos phenomenos arredados. Nas mathematicas o principio cognitivo é abstracto provado por uma lei do pensamento, immutavel. Nas sciencias abstracto-concretas o principio cognitivo é concreto, provade pela experiencia se não vem em seu auxilio uma lei do pensamento abstracto, uma formula mathematica ou um methodo inductivo.

A divergencia teve effeitos serios. Conte que reduzio a psychologia á uma phrenologia atrasada, capitulou a biologia com a sociologia e a moral entre as sciencias abstractas. Spencer que collaborou em psychologia independente, capitulou-a com a biologia, a sociologia e a moral entre as sciencias concretas. Para mim nenhum delles tem razão. Abstracto é o caracter do producto da razão, e concreto é o caracter do producto da experiencia. A psychologia objectiva é experimental, concreta, e a subjectiva é racional, abstracta. A biologia, a sciencia social e até a cosmologia (sciencias do *cosmos*) tem partes abstractas e partes concretas.

Os conceitos da sciencia social por ex. têm a par de caracteres concretos que absorveram os naturalistas, caracteres abstractos que dominaram os idealistas, dando em resultado duas sciencias por assim dizer distinctas sobre a sociedade, uma especie de dualidade psychica da humanidade, determinada pelas duas orientações materialista e espiritualista, que levam os espiritos voltados para o absoluto ás regiões mysteriosas da natureza ou da divindade; e isto quer nos estudos das relações sociaes, direito, moral, economia, esthetica, religiões, cultura: quer no estudo dos grupos sociaes onde operam-se estas relações, familia, associação, povo e Estado.

Por cima de tudo ainda vem a eschola histo-

rica mutilar a natureza da sociedade, eliminando a acção individual maior que a collectiva porque ficou tão impressionada pela tradição, quanto a naturalista pela acção mesologica. Essa eschola nasceu na historia e ahí ficou desconhecendo o espirito e a natureza, não tem uma razão de ser philosophica ou scientifica, não se remonta como a idealista e a naturalista à natureza do conhecimento para concluir o character dos seus conceitos sobre a sociedade.

Os historicistas estudam a sociedade como um facto continuo, chamando ao momento anterior tradição ou historia e ao posterior sociedade, sem cogitar das causas do momento inicial e da differenciação progressiva desses momentos, desde as origens sociaes até a actualidade, e sem notar ao menos que uma parte dum phenomeno no tempo não é considerada cousa de outra parte, que isso chama-se successão e não causação, deixando assim intacta a questão dos factores sociaes, por um desses erros que muitas vezes as escholas arvoram em principios scientificos, mas que são contradicções solemnes ao senso commum, e quando com Burke, por ex. remonta-se á causação social é para levar-nos ás regiões inacessiveis de uma ordem eterna emanada dum ser absoluto.

Mas voltando a materia, pensamos que a razão é modelada pela experiencia de modo que escape assim o conceito do Absoluto. Só a imaginação pode subir á essas regiões onde faltam os vehiculos da experiencia. O criterio da razão, a lei do pensamento é apenas um alargamento do recinto estreito da observação.

O segundo principio (da relatividade do conhecimento), psychologico, é recente, foi estabelecido por Hamilton e discutido pelos psychologos associacionistas, Bain e Spencer. Ficou estabele-

cido que todo Absoluto está fora das raias da intelligencia humana sem duvida possivel.

A meu ver ainda é exagerada esta theoria na sua formula — conhecimento por semelhança exclusiva. Observando o que conhecemos só encontramos relações ; mas estas são todas as relações logicas das cousas e não somente as relações das cousas cognosciveis com as cousas conhecidas, especie de afinidade do que está fóra com o que está dentro do espirito, uma passagem por assim dizer da phenomenologia para a psychologia, pelo vehiculo do *seusorium*, que reduz á theoria á um aspecto da theoria do experimentalismo supra.

Não, estas relações cognitivas são as relações logicas das cousas, successão, coexistencia e principalmente composição, causação e congenitação e só depois semelhança em qualquer dos seus graos, igualdade, analogia e differença. A relação mais geral é a composição, o cosmos, a vida, o espirito e a sociedade a tem. Por isto ella é uma lei do pensamento e consequentemente o que não a tem, o Absoluto e o atomo são incognosciveis. A causação vem em seguida. Tudo que se conhece é effeito e causa conjuntamente.

No cosmos esta é a relação principal, do mesmo modo que na vida tem grande importancia a relação de congenitação (homologia). E' na vida principalmente que tem importancia a relação de semelhança (analogia); mas ahi mesmo ella é subordinada á homologia. Fazer da semelhança implicita e explicita lei fundamental do conhecimento é excluir a melhor parte da mentalidade humana, a que abrange os principios de causalidade e congenitação.

Resalvada esta divergencia pensamos com os relativistas que tudo que não tem relação com uma cousa já conhecida não é cognoscivel. Ora

o infinito, o atomo, a natureza intima da materia e sua força, sua origem, destino e conversão de suas propriedades, estão neste caso, á nada assemelham-se, de nada são causas ou effeitos, de nada compõem-se etc, conforme o caso : logo são incognosciveis.

Sabemos que as mathematicas precisam do infinito para formularem methodos largos que dêem resultados certos em applicações restrictas ; que a physica precisa do ether para livrar-se das hypotheses absurdas da acção á distancia e da emissão ; que a chimica precisa do atomo para a medida de suas cohesões, etc. ; mas não deixam por isto de ter parte teleologica, caracter metaphysico, *males necessarios*.

A philosophia, parece, que alarga essas teleologias sem necessidade e dectara-se superior a outras por teleologicas ; deve ser batida e seus defeitos apontados. Eu considero o espirito classico de todos os tempos, de todas as civilizações, equivalentes a alma material de Noiré, a convertibilidade mechanica de Haeckel e de Buchner.

Se na biologia, a sciencia dos factores e das leis de causalidade está insufficiente e batida em muitos pontos inexpugnaveis, na sciencia social ella ainda não tem nome e nem mesmo está elevada a altura de uma theoria como é o dawrinismo. Daremos uma ideia das divergencia para chegarmos ao nosso fim.

Os absolutistas consideram como factor social o absotuto e como lei de causalidade a finalidade da natureza ou sociedade, determinada pelo absoluto ; seja este uma força immanente a natureza ou a sociedade, o sujeito de Fichte, a razão de Hegel, a vontade de Schelling e Schopenhaner, a inconsciencia de Hartmann, a « alma » de Noiré ; seja elle uma potencia sobrenatural e revellada

na natureza ou na historia, a providencia de Bossuet e Vico ou de Bunson e Laurent.

Esta escola é archaica, depois das theorias da relatividade do conhecimento e da irreductibilidade dos phenomenos naturaes. E' preciso deixar este terreno movediço de chimericas phantasias para pizarmos o chão solido da experiencia e da rasão.

A escola idealista considera como factor da sociedade o espirito conceituado como particula do absoluto obedecendo á sua natureza constituida por ideias innatas de religião, moral, direito, esthetica, etc., e vae nessa orientação traçando á priori as leis phantasticas de sua acção ou impossibilitando-lhe o apparecimento pelo casualismo dos phenomenos sociaes devido ao arbitrarismo dos phenomos psychicos. E' a escola dos patriotas e progressistas, mas é tambem a dos anarchistas.

A escola historicista considera como factor social a mesma sociedade em seu momento anterior, chamando-lhe tradição ou historia; e nessa orientação tambem vae traçando-lhe leis mutiladas ou impossibilitando-lhe o apparecimento pelo providencialismo dos phenomenos sociaes as mais das vezes arvorado em principio maximo. E' a escola dos ordeiros, mas é tambem a dos despotas e dos retardatarios.

A escola naturalista considera como factores sociaes, o *cosmos*, a vida, o espirito como função da vida e a sociedade como *meio*; e nessa orientação vae pesquisando as leis sociaes, não já phantasticas como ás dos idealistas, nem mutiladas como as dos historicistas, mas defeituosas á meu ver por duas rasões: primeira a confusão de leis de acção de factores, de causalidade, com leis de constituição e ainda mais de evolução; segunda o empirismo consistente na regularidade

dos phenomenos sociaes attestada pela estatística sem um methodo logico que a eleve á uma formula scientifica, que dê uma inferencia. Ha alem disto muita divergencia entre os seus sectarios, de modo a formarem muitos systemas sobre a theoria dos factores sociaes.

A divergencia maior os differencia em pre-existencialistas e darwinistas sociaes.

Entre os preexistencialistas ha tres grupos : o dos cosmologistas, o dos biologistas e o dos *socialistas*. Os cosmologistas decidem-se pelo cosmos (clima e natureza), Hippocrates, Bodin, Montesquieu, Herder, Draper etc. Os biologistas decidem-se pela vida ou espirito funcional (Hobbes), vida da raça (Prichard Gobineau) espirito funcional de raça (Steinthal, Lazzarus). Os sociologistas decidem-se pela consciencia da especie (Geddings), pela lucta das raças (Gumpowics) pela alliança resultante e emulação respectiva (Nowicord), pelo triumpho do individualismo sobre o collectivismo (Greef), pelo triumpho do collectivismo sobre o individualismo (Durkleim), pelo equilibrio de ambos (Marion) etc., etc. Houveram entre os preexistencialistas eccletismos abrangendo phenomenos naturaes e vitaes e mesmo espirituaes e sociaes, formando o maior desses systemas, (Conte, Spencer, Buckle, Schaeffe etc). Fundindo o espirito com a vida na raça e chamando ao *cosmos* meio, Taine fez uma triologia celebre, por ex.

Entre os darwinistas sociaes não é menor a divergencia. Ihering suggeriu a lucta pelo direito, ser o seu principal factor, como se a lucta não fosse já a acção dos factores, hereditariedade e variabilidade. D'Agvano accrescentou-lhe a hereditariedade, e não sei porque não a variabilidade, e addicionou-lhe mais a tradição social, como se a tradição não fosse uma manifes-

tação, a social, da hereditariedade vital, ou como se houvessem dois darwinismos sociaes, um da hereditariedade e outro da tradição; e esqueceu por outro lado a variabilidade com que a hereditariedade e tradição hão de lutar. Vaccaro mudou para lucta pela vida e adaptação vital, deixando fora a hereditariedade necessaria para a lucta pela vida. Gumpowics satisfiz-se com a lucta das raças; mas sua lucta tem por factores as raças, é a guerra social, parte da guerra universal, onde o genio de Darwin foi arrancar os principios scientificos da sua theoria, por ex. os dos factores, que não aproveitam á Gumpowics. Sua theoria mesma dos *processus*, sideral, vegetal, animal, achando analogias entre os atomos cosmicos, as cellulas vegetaes e animaes e as raças humanas, é metaphisica, incomprehensivel. Bagehot deparou-se com a imitação. A orientação rigorosa de Darwin e Heechkel foi desenvolvida por Kidd e por Jodt eliminada a intervenção do Absoluto de Wallace.

Houve um eclectismo maximo, foi o de Le Bon. Para elle, factores sociaes são todos esses, cosmos, vida, espirito funcional, sociedade e mais o darwinismo vital, a hereditariedade e a variabilidade, sua lucta pela vida, seus triumphos da selecção.

Para mim não cabe a palma á nenhuma dessas escholas, á nenhum desses systemas e á nenhum desses grupos.

Em primeiro lugar as preexistencias e o darwinismo são dois aspectos do mesmo phenomeno. A differença é que a influencia na theoria das preexistencias é exposta pela ordem dos factores e no darwinismo é pela ordem de suas accões. Darwin considera como elementos desta theoria, a variação domestica, a natural, a lucta pela existencia trasendo a segunda, a selecção do mais



apto nessa lucta, as leis de {variação etc. Foi Heeckel que systematisou o darwinismo: uma arena, a lucta pela vida; dois luctadores, a hereditariedade e a variabilidade; um triumpho, a selecção; duas leis resultantes, a differenciação e o progresso.

Para ambos a hereditariedade e a variabilidade representam a vida; mas a hereditariedade é a vida impondo-se e a variabilidade é a vida submettendo-se as suscitações dos agentes mesologicos (preexistencias). Consequentemente o darwinismo é a theoria da exposição dos factores do desenvolvimento da vida, não pela ordem de suas naturezas (preexistencias), mas pela ordem de suas acções na vida, a theoria das preexistencias vitaes systematisada, considerando-se o paciente como uma dessas preexistencias ou ainda a theoria da concorrência das forças vitaes com as mesologicas (cosmicas etc.)

O que nos importa saber é:

1.º se a theoria das preexistencias sociaes é verdadeira;

2.º se o darwinismo vital e conseguintemente as preexistencias vitaes influem na sociedade ou extendem se até ella;

3.º se ha um darwinismo social em que se convertem as suas preexistencias (sociaes), como no darwinismo vital convertem-se as preexistencias vitaes.

Para mim a sociedade não é um phenomeno vital ou cosmico, é um phenomeno exclusivamente espiritual: a prova é que ha animaes sociaveis em qualquer zona geographica e de qualquer especie. Se a vida influisse, parece-me, a sociedade acompanharia o desenvolvimento animal. Se o cosmos influisse, parece-me ainda, a sociedade teria a sua zona geographica.

E' verdade que a sociedade animal é apenas o

rudimento da humana ; mas ambas são gradações do mesmo phenomeno. O unico criterio scientifico de suas differenciações, é o grau de seu desenvolvimento, este mesmo bem contestado. A concorrência do individuo e da especie, a cooperação, a liberdade etc propostas como criterios não resistem a analyse. Deste modo os factores duma devem ser os da outra, pelo menos nos rudimentos sociaes.

Mas mesmo nas sociedades humanas o *cosmos* e a vida não influem. Os aryas, que florescem na Europa fanam-se na Asia, provando que a raça não os civilisa ! A Europa onde florescem as civilisações contém os Turcos, provando que o *cosmos* não os civilisa. O que tem levado os pensadores á enganar-se sobre a acção civilisadora é a emulação dos povos occorrida, principalmente na Europa e entre aryanos. Emigrassem os aryas para a Africa ou America e sem duvida uma dessas regiões seria a patria das civilisações. Emigrassem outros povos para a Europa e as civilisações europeas seriam semitas e não aryanas, como já uma vez o provaram os Arabes. Entretanto é forçoso confessar a Europa é mais propicia e a raça aryana por força de suas emulações, é superior.

Para mim o factor social unico é o espirito. O espirito é que tem por factor a vida e a vida é que tem por factor o *cosmos* ; mas parcialmente porque as forças cosmicas não se convertem nas vitaes e estas não se convertem nas psychicas. Ha na vida alguma cousa que não vem do *cosmos*, ás suas funcções e no espirito alguma cousa que não vem da vida, a consciencia. O que nos parece certo é que o *cosmos* é factor da vida pela materia que fornece-lhe, que a vida é factor do espirito pelo systema nervoso e o espirito é factor da sociedade pelos seus actos instinctivos

em grande parte, excitados pela vida que por sua vez é suscitada pelo cosmos, mais também por seus actos deliberativos, puramente psychicos.

Quando muito o espirito estando sujeito ás excitações da vida directamente e ás do *cosmos* indirectamente, pode-se dizer que a vida e o *cosmos* são condições da sociedade. Esta acção é evidente nos *cosmos*.

DARWINISMO.

Para mim o darwinismo é somente vital e psychico, não social.

Que elle é psychico não tenho duvida. A hereditariedade e a variabilidade vitaes estendem-se ao espirito pelo systema nervoso que é sua condição. A lucta pela vida sendo o conflicto dessas duas faculdades é também lucta pelo systema nervoso e consequentemente pelo espirito que elle acondiciona. A selecção sendo o triumpho dessa lucta é preciso também reconhecê-la no espirito, pela mesma razão.

Ha porém um fundamento mais forte para o conceito. O espirito, deixando de lado a questão insolúvel de seu character funcional ou substancial, faz parte do individuo, onde funciona a vida; ora são estes individuos que luctam; logo essas luctas são pela vida e pelo espirito, junctamente.

Mas o darwinismo é parcialmente psychico. Quero dizer: ha no espirito uma parte dependente da vida, que está sujeita á suas leis de formação; mas ha uma outra independente que escapa a acção dos seus factores. Não é possível que se repete *vice* da hereditariedade ou mesmo da variabilidade bio-psychica a consciencia que temos da liberdade de nossos actos, a deliberação humana, a multiplicitade das volições instantâneas.

neas do mesmo individuo, a immensidade historica das divergencias da mentalidade humana.

A hereditariedade traria a uniformidade psychica, pelo menos na mesma raça, povo ou familia. A variabilidade que é a resultante da acção cosmica traria tambem a uniformidade dentro da mesma zona geographica, em geral identica para cada povo, fracção de povo e familia. Mas não é isso o que acontece. Na mesma familia os individuos divergem pela energia, e pela mentalidade, como se fossem de raças ou povos differentes.

E' preciso buscar outra causa para esta differenciação. E' a potencia mysteriosa do espirito, que no estado actual da sciencia escapa a experiencia e á rasão, e que os materialistas têm procurado apanhar pelos conceitos duma *ultra-experiencia*, como os espiritualistas a tinham feito pelos duma *ultra-rasão*.

Que o dawrinismo não é tambem social não tenho duvida. A sociedade em ultima analyse resolve-se em tres grupos de factos, situação cosmica (habitação etc.), relação natural (nascimento etc.) e acto psychico (contracto etc.), sendo os primeiros condições do ultimo. Ora essas situações, relações, e actos não luctam, não tem hereditariedade e variabilidade proprias, nem selecção. Logo não vae até ahi o dawrinismo. Entretanto não é esse o conceito geral. O sabio que melhor cogitou do dawrinismo em sociedade, Gustavo Le Bon, considera-o como phenomeno social. « A primeira das condições para a evolução dos seres, enumerada no nosso estudo da transformação das especies, tem sido a aptidão para variar, isto é, para adaptar-se a condições exteriores; temos demonstrado que quanto mais facilmente faz-se esta adaptação, quanto mais a raça é apta para mudar, mais seu aperfeiçoamento é rapido. O que é verdadeiro para as

diversas especies viventes, é para o homem e sobre tudo em sociedade? As sociedades humanas são por outros termos, tanto mais susceptiveis de aperfeiçoamento, quanto mais aptas para variar? E' este problema que vamos elucidar». (L'Home et les Societés 1881, vol. 2.º pag 112). E' nessa esphera que giram todos os darwinistas sociaes.

« As sociedades são os organismos mais complicados; são submettidas as leis universaes da natureza physica e vivente; não são necessariamente mortaes nem Immortaes, grandes nem pequenas etc.» (Greef Le Transformisme Social 1895 pag. 39, etc., etc.)

Apenas as faculdades bio-psychicas do individuo, influem na sociedade que é em grande parte, uma formação do espirito hereditario e variavel. E' nas sociedades que operam-se muitas vezes as suscitações cosmicas e as excitações vitaes sobre o espirito; mas ellas agem sobre o espirito. O espirito age muitas vezes em sociedade sob a influencia dessas suscitações e excitações; mas é elle que age. Querer fazer da suscitação cosmica e da excitação vital que agem sobre o espirito, causas dos phenomenos sociaes, é arvorar o *cosmos* em causa de tudo; mas isto é contra a sciencia, onde causa é o phenomeno que directamente, immediatamente se transforma no outro. Para ir a sociedade a acção cosmica ha de passar pela vida e pelo espirito.

O que tem feito pensar que o darwinismo é tambem factor social é a lucta social. Se a lucta pela vida é o *factor da vida*, como a lucta pelo direito não será o factor do direito? Se a lucta dos individuos (viventes) é o factor desses individuos, como a lucta das raças não será o factor dessas raças? Eu sei mesmo que se tem querido applicar o darwinismo ao movimento cosmico. Se a

lucta entre a hereditariedade e as forças modificadoras da vida, trazendo o triumpho desta quando não é eliminada, assegura-lhe vantagens (selecção) que a differenciam e desenvolvem como a lucta cósmica uns átomos contra outros, ou mesmo entre os corpos etc., que os differencia e desenvolve, não é analoga?!

Ha á meu ver ali um engano. A lucta pela vida não é especial aos animaes, é commum aos homens de melhores raças e em melhor estado de civilisação. Não é tambem restricta a vida, é comprehensiva de tudo. Na lucta pela vida dos homens civilisados vão todas as luctas sociaes, pela existencia, pelo direito, pela moral, pela religião, pela cultura, pela economia, pela esthetica e até pelos caprichos, extravagancias e loucuras reaes, imperiaes, como são as guerras dynasticas e do imperio universal, e vão as luctas de todos os grupos sociaes, individuos, familias, associações, povo,, Estados, Nações e raças. A lucta pelo direito de Ihering é uma parte da lucta pela vida humana na theoria de Darwin. A lucta das raças de Gumpowics é uma parte da lucta humana pela vida.

Para mim o darwinismo é a luta dos individuos em um aspecto chamado hereditariedade contra o meio chamado variabilidade ou adaptação, lucta onde o individuo se não succumbe se varia ou adapta-se diz-se triumphar; triumpho, variação ou adaptação que da-lhe uma vantagem, uma força (selecção) de onde lhe vêm differenciações e progresso. O individuo lucta por tudo, pela vida, pelo espirito, pela sociedade etc, ; mas como a sociedade resolve-se em acto psychico, situação vital, e relação bio-psychica, a lucta pela sociedade resolve-se em lucta pela vida e pelo espirito.

O darwinismo é bio-psychico; mas tem con-

sequencias indirectas sociaes: aperfeiçoando o espirito aperfeiçoa a sociedade.

O espirito não age á esmo ou por suggestões momentaneas, age por phenomenos psychicos que são ideiaes ou aspirações humanas.

Os ideiaes humanos são de duas especies; individuaes, filiados aos sentimentos e instinctos individuaes e collectivos, filiados aos instinctos e sentimentos collectivos.

Quero dizer ha no homem duas tendencias: Uma que é a heriditariedade vital, é commum á todos os individuos á que ella alcança; os phenomenos que della vêm são communs á todos os individuos que ella comprehende, assim o instincto, o sentimento e a ideia que os acompanha. A outra que é a variabilidade, é especial a cada individuo que a tem, á não ser condicionada por influencias imperiosas e communs do *cosmos*; os phenomenos que della vêm são especiaes á cada individuo tanto o instincto e o sentimento como a ideia que elles suggerem.

Não são essas forças espirituas; mas são condições dos factos psychicos porque são funções da vida que é condição do espirito, do mesmo modo que as forças cosmicas não são vitas, mas são condições dos factos vitas, porque são funções do *cosmos* que é condição da vida. O *cosmos* dá a materia á vida que dá o systema nervoso ao espirito; mas o espirito não é o systema nervoso como a vida não é a materia cosmica. O *cosmos* e a vida são condições do espirito e este é o factor da sociedade. As suscitações do *cosmos* e as excitações da vida param no espirito que age as vezes livremente.

A eschola naturalista desconhece ambos esses ideiaes, não obstante o seu mais elevado representante, Gustavo Le Bom, conhecer perfeitamente o papel da base desses ideiaes; os instinctos e

os sentimentos, ainda mesmo revestindo a forma das illusões. A eschola historicista que devia conhecer o papel dos ideaes collectivos parece esquecel-os para agarrar-se á uma especie de infiltração, a acção da tradição social quando não exorbita para a mysteriosa acção da divindade.

A eschola idealista desconhece o papel dos instinctos e sentimentos nos ideaes, sua differenciação em individuaes e collectivos; e limita-se á traçar orbitas imaginarias á que deve obedecer á humanidade por acção de ideias abstractas e innatas.

Para mim o ideal é a aspiração humana á consecução dum acto exigido por um instincto ou sentimento ou mero asserto da razão. O colectivo é a aspiração da collectividade, determinada por communhão de sentimentos, de instinctos e convicções, em parte resultantes da hereditariedade commum, e em parte resultantes da uniformidade logica dos conceitos da razão; e o ideal individual é uma divergencia individual do ideal colectivo, determinada por originalidade de instinctos, sentimentos e convicções, resultante da excentricação do espirito, devida á variabilidade vital potente, á condições cosmicas excepcionaes, ou talvez á factos que nos escapem junctamente com a natureza mysteriosa do espirito.

Em prova do ideal colectivo ahi está o conceito do *sensu cummum* que segundo a orientação relativista, só pode ser relativamente formulado; portanto o espirito funcionando dentro da esphera condicional da hereditariedade... Em prova do ideal individual ahi está tambem o conceito da *originalidade* que nos mesmos limites só pode ser formulado como as funções do espirito fora das raias dessa potencia de igualdade.

Foi o phenomeno do ideal colectivo que levou os historicistas á considerarem a tradição

como factor social exclusivo : tomaram a nuvem por Junus. Em vez de ser a tradição que mantém a sociedade é esta que mantém a tradição : a causa é verdadeiramente um effeito. E' a hereditariedade que mantém na sociedade estas duas torrentes de factos psychicos, chamadas continuidade social (Wagelin) e solidariedade (Herder), caracterizadas ambas por commuidades de instinctos, de sentimentos e de ideias ; uma no tempo e outra no espaço. E' a continuidade social em acção com a solidariedade que permitem esta continuação e concurrencia de phenomenos psychicos iguaes, cuja exteriorisação oral ou escripta é a tradição. Antes do filho aprender da tradição que deve respeitar seu pae elle tem esse respeito, herdado, sentimental, instinctivo, tendencial, profundamente psychico.

A influencia dos ideaes está provada historicamente. E' pelos ideaes ou aspirações sociaes, economicas, estheticas, culturaes, religiosas, moraes e juridicas, que as sociedades originaes têm se desenvolvido. As causas variam, podem ser economicas etc., mas todos tem de commum ser anhelos do espirito humano. As revoluções de todos os tempos e principalmente as republicanas da actualidade são devidas a este phenomeno psychico. A opinião nacional é uma das suas manifestações. Ainda hoje a questão das nacionalidades é um ideal do povos fraccionados. E' pelos ideaes que as grandes epochas da historia da humanidade se têm iniciado nos povos originaes : o feudalismo nos Francos ; o municipalismo na Italia ; o constitucionalismo na Inglaterra ; o republicanismo nos Estados Unidos Norte-Americanos.

Espirito, só espirito é factor da sociedade. Mas ha um lado social que parece escapar-lhe é a universalidade dos phenomenos sociaes : por

ex. das suas epochas juridicas, o feudalismo, o municipalismo, o constitucionalismo e o republicanismo actual.

A identidade do espirito na especie humana já explica a identidade dos rudimentos de suas instituições sociaes, que Tayllor, Lubbock, Lennan etc. têm referido ao cosmos, a vida etc. A identidade maior do espirito na raça humana, explica a identidade do desenvolvimento das mesmas instituições.

Mas a identidade de epochas historicas co-existentes em povos de raças differentes, precisa de outra explicação. Aqui é preciso fazer intervir uma outra capacidade do espirito. Será a imitação de Bagehot, Tarde, Clovis..; será a solidariedade de Herder, Conte, Marion? Para mim nada disto. O espirito não age por sentimento de comparticipação carecteristico da solidariedade, nem por instincto de repetição, caracteristico da imitação. Elle age por ideias. Estas são determinados por observação e cogitações proprias ou alheias, communicadas. Seria melhor dizer por educação que por imitação ou por solidariedade. Como quer que seja, é esta aptidão dos espiritos ás idéas novas que communica as descobertas, as innovações sociaes e faz as grandes epochas universaes. Creio que se deveria chamar á isto emulação ou concurrencia (Durkleim).

Eu sei que vae fazer rir á muita gente esta theoria do espirito mysterioso, do darwinismo sem alcance social, de acção psychica por deiaes, de ideias com sentimentos e instinctos; mas isto não me acovarda e exponho francamente as minhas ideias.

Age-se por instinctos e sentimentos, está estabelecido, e tambem por meras ideias. Os instinctos e sentimentos formam espheras de acções distinctas, a economica, a esthetica, a juridica, a

moral, a cultural etc. Eu digo que cada esphera tem uma base instinctiva ou sentimental e uma elevação ideal, que esta elevação é um phenomeno da rasão, abstracto e permanente; e chamo por isto a cada esphera de acção um ideal. A duvida, sei, está no character immutavel e abstracto da ideia que coroa a acção instinctiva ou sentimental, para os naturalistas; e no character instinctivo e sentimental da base da esphera de acção ideal para os idealistas. E' que o ideal para mim não é uma pura ideia caracterisada como innata pelos idealistas, nem um puro estado evolutivo, uma tendencia momentanea do *espírito vital* como querem os naturalistas. Ha evolução de tudo, do *cosmos*, da vida, do espirito; portanto dos instinctos, sentimentos e ideias; mas ha no espirito a potencia da rasão que descobre principios abstractos, immutaveis, nas mathematicas, na logica em todas as espheras de acção social, principios que atravessam todos os estados evolutivos, ganhando dia á dia o predominio sobre a eventualidade variavel dos mais phenomenos.

Entre os phenomenos sociaes, o bello por ex. tem caracteres immutaveis, abstractos, em concurso com os variaveis evolutivos, cada um dos quaes determinou o apparecimento duma eschola esthetica, o idealismo e o naturalismo. A eschola historicista é indefinida em esthetica.

O character permanente do bello, que nos importa aqui, não é como querem os idealistas Plató, Winkelmann etc., um attributo do absoluto, é a regularidade da natureza e da obra d'arte, a perpendicularidade, parallelismo e proporcionalidade das linhas, regularidade das superficies e solidos, a symetria das figuras, a proporcionalidade do movimento que caracteriza o rythmo etc. No bello esthetico sobrevem mais a imitação suggerida por Aristoteles cujo exito é devido á repro-

dução da regularidade natural, a admiração pelo esforço do artista indicada por Veron, a expressão emotiva notada por Taine etc. que são meios de consecução da imitação. Regularidade natural imitação artificial della, admiração pela sua consecução, são os caracteres do bello esthetico.

A proporcionalidade por ex. é a lei principal da architectura, da musica, da poesia, em todas as escholas. O som é o resultado da proporcionalidade das vibrações sonoras. O accordo é a proporcionalidade dos sons, a harmonia a proporcionalidade dos accordos no espaço e a melodia a proporcionalidade no tempo. A voz é um som, o verso um accordo, o trecho uma melodia.

Já Fechner e Wundt referem o bello á ordem universal.

E' essa regularidade natural ou artistica que dá ao bello o character de permanente no meio da variabilidade dos phenomenos evolutivos. A concepção dessa regularidade é o principio abstracto. O amor á essa regularidade é o sentimento do bello. Esses phenomenos determinam constantemente a vontade. O principio, o sentimento e a vontade constante constituem a aspiração ou o ideal do bello.

A regularidade esthetica é modificada nas phases da evolução humana pelas acções predominantes de outras relações sociaes, o instincto, a economia, a religião, a moral e o direito; o que dá ao bello formas evolutivas diversas, por ex. no Oriente antigo a form agrandiosa oriunda das religiões, na Grecia a forma regular, oriunda do equilibrio de todas as relações sociaes, com o character patriotico resultante do amor á liberdade.

O justo tambem tem caracteres permanentes em concurso com os evolutivos, o que deu no mesmo resultado, idealistas absorvidos pelos

primeiros e historicistas e naturalistas absorvidos pelos ultimos.

Os caracteres permanentes do justo não são attributos do absoluto como querem ainda os idealistas, são as regularidades dos phenomenos sociaes, a egualdade humana que constitue o *direito*, a proporcionalidade da acção social ao acto individual que constitue a *justiça*, e o equilibrio do direito garantido pela justiça que constitue a *liberdade*.

Esta regularidade porem é assaltada pelas condições evolutivas das sociedades humanas, historicas ou *naturaes*, que impressionaram os historicistas e naturalistas ao ponto de desconhecem a regularidade considerando o direito como um producto natural da evolução de um povo ou como a expressão da consciencia social em uma epocha determinada.

Enganam-se. A concorrência do instincto inicial, depois da economia e da religião e afinal da moral, deu-lhe formas diversas na evolução dos povos ; mas não quebrou-lhe a regularidade.

A evolução da Justiça por ex. tem formas diversas determinadas por essas condições do *direito*, mas em todas ellas ha a proporcionalidade da acção social repressiva ou premitiva ao acto individual benefico ou offensivo do direito.

Quanto a justiça penal por ex. na phase inicial, instinctiva da vindicta, essa proporcionalidade é rigorosa, na pena de talião, que é a proporcionalidade bruta da acção repressiva á acção offensiva do direito. Na phase intermediaria, economica, do arbitramento ha tarifas publicas para a indemnisação dos resultados do delicto com proporcionalidade ao acto offensivo. Na phase recente, moral, do julgamento, essa proporcionalidade é o criterio da justiça.

E' verdade que o egoismo instinctivo, depois economico, mais ou menos sancionado pela religião caracterizam a justiça nas primeiras phases, como o altruismo moral caracteriza-a na ultima; mas o fazem dentro da lei natural da justiça, a proporcionalidade do talião das tarifas, das penas. Não se permite á vingança passar alem do golpe de talião, á composição passar alem da taxa da tarifa, a pena por mais regeneradora do criminoso passar alem do caracter determinado pela proporcionalidade.

A evolução do direito é mais atormentada pelo predomínio evolutivo das outras relações sociaes, a regularidade juridica mais sacrificada que a da justiça; mas em todo caso esta regularidade existe caracterizando mais á mais os phenomenos de ordem juridica. Na phase instinctiva da violencia, o mais forte é superior aos mais fracos, mas estes são iguaes entre si. Na phase da prepotencia originada da violencia (guerreira), sancionada pela religião, fortificada pela economia, ha entre as castas, ordens, estados, povo e realza desigualdades caracteristicas da phase, mas dentro de cada camada social ha a egualdade caracteristica do direito. Na phase ultima da soberania popular, a equidade é a fonte principal do direito não sancionado ainda pelo costume e pela lei, o caracter de todo costume e toda lei é o criterio do direito na sciencia.

A evolução da liberdade varia com as do direito e da justiça de que ella é um resultado. Perturbada pela violencia e vindicta, tumultuada pela prepotencia e arbitramento, em cujas phases ella é tão batida que muitas vezes é eliminada, só nas phases recentes da soberania popular e do julgamento pelos seus tribunaes ella tem o seu regimen, a cooperação.

A conclusão é que não ha analogia possível

entre a sciencia dos factores da sociedade e a dos factores da vida.

Deixando de parte as questões mysteriosas das origens, a primeira dessas sciencias é o darwinismo ou theoria das preexistencias vitaes sistematizadas em dois factores, a propria vida e o meio; e a segunda é a psychologia em seu aspecto de sciencia de forças ou de factores, do mesmo modo que os factores do cosmos são as forças e movimentos estudados na mechanica, na physica e na chimica, porque a sociedade se tem alguma analogia nos mundos é com as formações cosmicas: é o *cosmos* dos espiritos, infelizmente sem movimento fatal, sem potencia de attracção sem orbita mathematica.

Já algumas cousas boas tem produzido esta orientação. Os estudos da psychologia social de Lazzarus e Steinthal; o de psychologia politica de Gobineau; o de psychologia dos partidos de Rohmer; o de psychologia do Estado de Vollgraff; o de psychologia das multidões de Le Bon etc.

Mas ainda mesmo que estejamos em erro, que as theorias das preexistencias sociaes, do darwinismo social, de uma e outra cousa sejam verdadeiras, não ha esta analogia. As preexistencias sociaes serão as mesmas preexistencias vitaes, o darwinismo vital será o mesmo social.

Esse darwinismo exclusivamente social que seria um analogo do vital, que anda implicito nas theorias, mas que ainda não teve a coragem de assumir uma personalidade, é uma chimera como tal é o organismo vital da sociedade, de que elle é uma consequencia.

Que individuo social é este que vive, que persiste pela hereditariedade, que altera-se pela variabilidade, que em lucta contra o meio, adapta-se, triumpho, fixa-se, differencia-se e progride?

A familia, a associação, o povo, o Estado, todos elles, contra todos? Hoje que se abandona a illusão confortadora do espirito substancial na vida para que agarrar-se á illusão van da vida phantastica da sociedade ?

Continúa.

LAURINDO LEÃO.

